

# a chama

Disciplina  
**DEMAIS?**

Seres em  
**Mutação**

Provocando  
**carreiras  
Científicas**

# Escola de Educação Infantil e Alfabetização



**DE 3 MESES A 6 ANOS**

- De janeiro a dezembro
- Horário parcial e integral
- Atendimento especial pela manhã para crianças que estudam à tarde no **Colégio São Vicente de Paulo**
- Café da manhã
- Orientação para os deveres
- Natação (duas vezes por semana)
- Oficina de leitura (duas vezes por semana)
- Artes
- Recreação livre
- Banho
- Almoço
- Condução (opcional)
- Ballet
- Judô

**31 ANOS**  
*em atividade*

**Funcionamos  
durante doze meses,  
sem férias**

**Creche: 266-0046 - Humaitá**  
**Pré-escola: 539-0046 - Jardim Botânico**

## SUMÁRIO

- 2 *Disciplina demais?*  
4 *5ª Série - Seres em Mutação*  
7 *Brasil: um rosto analfabeto e sem Educação*  
8 *A dívida da Educação*  
9 *Revitalização das Bibliotecas*  
12 *Provocando carreiras científicas*  
14 *Reformas no Colégio*  
16 *Você estará lembrado...*  
18 *A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação*  
20 *Bodas de Prata do Supletivo*  
21 *A Educação no limiar do ano 2.000*  
22 *Movimento harmônico*  
24 *Alunos concluintes*  
25 *Felicidade*

## NOSSA CAPA

*Alunos concluintes de 1997, em fotomontagem de Rafael Rocha Motta.*

## a chama

Revista editada pela APM – Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo.

Ano XXV – Nº 56 – Junho 1998  
Rua Cosme Velho, 241 – Cosme Velho  
Tel. (021) 556-0796 – CEP 22241-090  
Rio de Janeiro – RJ

### *Supervisão editorial:*

Pe. José Pires de Almeida,  
Walter Hess e Lucília Hess

### *Editoração:*

Gustavo Barbosa e Vanja Freitas

### *Edição visual:*

Conceito Comunicação Integrada

## DIRETORIA DA APM

### *Casal Presidente:*

Walter Luiz Hess  
Lucília Marta Nehab Hess

### *Casal Vice-Presidente:*

Sérgio Germano Santos  
Gilda Maria Graciosa Germano

### *Casal Relações Públicas:*

Sérgio Munck Machado  
Carmen Beatriz Silveira

### *Casal Tesoureiro:*

Ricardo Santos Motta  
Maria do Carmo Rocha Motta

## Editorial

COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO  
Nº REG. 913  
DATA 27, 8, 2003

Esta edição dá prosseguimento a um oportuno debate iniciado em nosso número anterior, com a publicação da carta de uma mãe de alunos, sobre a linha pedagógica adotada pelo Colégio São Vicente. A “chama vicentina” continua acesa nessa reflexão, que envolve pais, educadores, alunos, e que tem nas páginas d’*A Chama* (assim como nas reuniões da APM) um fórum aberto à participação de todos. Algumas opiniões do texto de Walter Hess, que estamos publicando nas páginas 2 e 3, já provocaram acalorados debates nas próprias reuniões da equipe de editores desta revista, e as observações dos leitores certamente continuarão tendo lugar no próximo número.

Na matéria seguinte (“Seres em Mutação”) os próprios alunos de 5ª série falam sobre o que está mudando em suas atitudes, em seu corpo e em sua maneira de pensar. Mais adiante, breves convites à reflexão em torno dos ideais da Campanha da Fraternidade, os problemas econômicos relacionados ao ensino, o programa de vocações científicas, os ideais da educação vicentina e uma experiência de trabalho corporal com alunos. Pe. Almeida continua lembrando-nos dos fatos marcantes e, além disso, mostramos as novas bibliotecas, as obras no Colégio e as mudanças da Lei de Diretrizes e Bases.

Temos buscado em nossas edições um equilíbrio entre as contribuições de professores, diretores e coordenadores do Colégio, membros da APM e alunos dos diversos níveis. O importante é que a revista consiga refletir as diferentes perspectivas deste conjunto de pessoas, com vistas ao aprimoramento constante do trabalho educacional realizado pelo CSVP e da nossa participação na sociedade.

*“A chama vicentina não pode renegar a liberdade.” Este argumento encerrava a carta publicada em nossa edição anterior, assinada por uma mãe de alunos, que questionava uma série de medidas disciplinares adotadas no CSVP. “Essas mudanças talvez afastem a escola do que ela tem de mais precioso”, afirmava Maria Isabel Leite. Na ocasião, oferecemos as páginas d’A Chama para o aprofundamento desse debate.*

*Neste número, outro pai de alunos, Walter Hess, traz a sua opinião. E este espaço continua aberto à participação de pais, professores e alunos.*

# D

# Disciplina

**L**i com muita atenção a carta enviada por Maria Isabel Leite para o Padre Almeida, sobre mudanças ocorridas no CSVP, que foi publicada n’A Chama de dezembro de 1997. Mãe de ex-aluna e de três alunas, Maria Isabel aponta para o estranhamento que lhe causou uma comunicação da própria escola onde esta se coloca contra a liberdade, reafirmando seu compromisso com uma educação libertadora.

Convicto também do lema do CSVP - *Liberdade com responsabilidade* -, como pai de ex-alunos e de uma atual aluna, e vivendo o 13º ano de convívio com a educação vicentina, vejo nas atitudes disciplinares tomadas pela escola o enfrentamento de questões atuais da maior gravidade, tais como a venda de drogas nas portas - e até mesmo dentro - das escolas, a entrada na escola de pessoas estranhas ao colégio, etc.

Em meados de 1995, o *Jornal do Brasil*, e posteriormente *O Globo*, publicaram reportagens sobre o CSVP abordando o problema de tóxicos na escola. Essas reportagens apareceram somente porque o CSVP resolveu falar da questão, existente em todas as escolas, ao invés de encobri-la.

O CSVP foi criado sem muros, o que hoje seria inconcebível. Não que fosse um absurdo, mas a realidade atual não permite esse tipo de liberdade. Continua sendo, no meu modo de entender, um colégio com liberdade para os seus alunos, mas em função de modificações em toda a sociedade, ele tam-

bém foi obrigado a fazer suas mudanças para continuar sendo um colégio liberal. Realidade dura essa que vivemos, e sobre a qual precisamos estar sempre refletindo, para não sermos engolfados com prejuízo de nossa capacidade crítica e para não cairmos no terreno das soluções fáceis, do tipo “basta proibir”.

E Maria Isabel sugere um olhar mais detido no 2º grau, nas funções pedagógicas e educacionais de seus professores, assim como um envolvimento maior das famílias e dos próprios alunos nas questões de limite, compromisso, estudo, etc. Esse olhar tornou-se mais que necessário, pois era nítida a queda da qualidade do ensino. Não sei se podemos tirar conclusões a partir do último vestibular, em que o CSVP melhorou consideravelmente sua posição no *ranking* das escolas, mas sou de opinião que é um começo dessa atenção mais específica.

Vejo o CSVP como exemplo de democracia e liberdade para os alunos, mas são necessárias regras mínimas para que a democracia e a liberdade possam ser exercidas. Quando essas regras mínimas não existem ou não são respeitadas (e quando nada acontece a quem não as respeita), caímos na situação de impunidade contra a qual todos reclamamos e lutamos.

O CSVP tem uma Associação de Pais e Mestres que deve ser o fórum de debates (inclusive sobre as regras das quais discordamos) mas parece não estar sendo utilizada pelos pais com esse fim.

**“O CSVP foi criado sem muros, mas a realidade atual não permite esse tipo de liberdade.”**

O aumento da vigilância dentro da escola se fez sentir pelos alunos, até mesmo para garantir proteção aos que estavam se sentindo ameaçados pela venda de drogas. O uso de *walkie-talkies* por parte dos inspetores fez parte dessa atitude mais vigilante, assim como o envolvimento mais direto dos pais na concessão de passes-livres a seus filhos, mudanças do local de entrada e saída dos alunos, obrigatoriedade do uso de caderneta escolar e do uniforme para o 1º grau.

Certamente todas essas medidas foram de cunho disciplinar, mas traziam no seu bojo a necessi-

**"A chama vicentina continua acesa, mas precisa ser protegida dos ventos, para não se apagar."**

Aumenta em todas parte a vigilância sobre o ingresso das pessoas nos prédios públicos, nos estabelecimentos de ensino, nos prédios residenciais, etc. As pessoas estão com medo de quem está entrando nos seus ambientes. Isso é terrível, mas é realidade. A caderneta é o documento de identidade do estudante e deve sempre acompanhá-lo para onde ele for, inclusive para a escola, da mesma forma que nós necessitamos portar uma identidade que, a qualquer momento, pode ser necessário apresentar.

O colégio é responsável pelas pessoas que se en-

# demais ?

dade de a escola responsabilizar-se por seus alunos dentro do recinto escolar.

Embora pudesse parecer que a questão "disciplinar" fosse o único foco de atenção, a questão pedagógica vinha também sendo alvo de muitas discussões.

Vejo também como um grande mérito do CSVP mostrar para os alunos as mazelas da sociedade, preparando-os para nela viverem e saberem modificá-la. Esse estímulo à transformação da realidade acontece na escola, através da participação de nossos alunos em ações comunitárias como o Projeto Graúna e no movimento dos cara-pintadas, por exemplo.

Mas o preço para manter esse tipo de educação é caro. Entre o preço a pagar se inclui, no momento, o controle maior da disciplina, porque do lado de fora existe um enorme estímulo à transgressão, que alguns alunos entendem por liberdade - palavra aí empregada erradamente e que nada tem com o sentido de liberdade que o CSVP quer para seus alunos e nós, pais, para nossos filhos.

Os acontecimentos do mundo entram em nossas casas, sem nossa autorização, por todos os meios de comunicação. Chega o que é bom e também o que não é bom para a educação dos nossos filhos. Muitas vezes o jovem transgride por achar que não há nada de mal, por exemplo, em imitar a assinatura do responsável para obter o passe livre no 2º grau; já viu isso na televisão e nada de mal aconteceu ao transgressor. O responsável por vezes nem sabe da existência desse documento com seu filho...

contram em suas dependências. Acredito que isso justifique a vigilância e a obrigatoriedade de apresentar a identidade do aluno na entrada da escola - e não só dos alunos, mas de qualquer pessoa que ingresse nas dependências da escola. Quando entro em algum prédio onde me solicitem apresentar meu documento de identidade, sinto-me menos inseguro lá.

Quanto ao uniforme, parece-me que cabe uma discussão também ampla dos motivos dessa exigência. É simplesmente uma tradição dos colégios em nosso país. Acho-o inteiramente dispensável, já que pode ser adquirido em lojas por qualquer pessoa, não identificando nada e ninguém. Nossos filhos, normalmente, têm o CSVP dentro deles, não precisando de uniformes para sentirem-se participantes do colégio.

Exatamente por se sentirem participantes, vejo que os alunos, em grande parte, não se importam com os *walkie-talkies* dos inspetores. Sabem que esse aparato não é usado por causa deles, e sim para eles. Não percebo no colégio aquela vigilância para flagrar alguém cometendo uma infração, mas sim uma vigilância que faz o aluno se sentir protegido, e não vigiado. A maior demonstração é o apreço que os alunos têm pelos inspetores e demais responsáveis pela disciplina.

A chama vicentina continua acesa. Porém, como toda chama, para não se apagar precisa ser protegida dos ventos. Somente assim poderá continuar mostrando os caminhos aos nossos filhos e, quem sabe aos filhos dos nossos filhos.

**Walter Hess**



**E**ntre as várias definições encontradas no indispensável Aurélio a respeito da palavra **mudar**, uma nos chama especial atenção: **“deixar uma coisa por outra; tornar-se diferente do que era, física ou moralmente.”**

Nossos alunos saem da 4ª série em novembro e retornam, em fevereiro, já na 5ª série. Grandes mudanças são esperadas por todos nós, alunos, pais e professores. Mas será que em apenas dois meses dá para deixar tantas coisas por outras e ficar diferente do que se era antes?

Eles sentem-se mais importantes por terem chegado à 5ª série. Alguns pais afirmam: “Estão no ginásio!” e eles passam a ter mais autonomia. Muitos ganham o privilégio de ir e vir sozinhos e maior liberdade de escolha: que bolsa ou mochila usar, o que vestir, que música ouvir, continuar ou não no mesmo esporte de antes, entrar ou não no curso de inglês, que amigos escolher... (não é mesmo, pais?).

Juntamente com os ganhos, pequenas exigências têm que ser cumpridas: organizar-se em um novo horário, bem mais complicado; lidar com vários professores diferentes, cada um com sua “mania”; administrar o uso de inúmeros cadernos; aprender a tirar médias e ver quanto é preciso para não ficar em recuperação, etc.

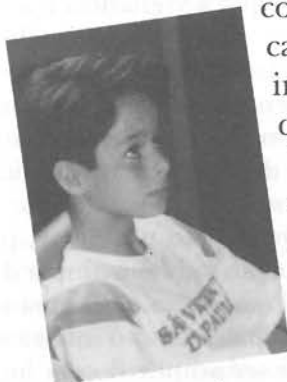
Muita coisa nova, muita alegria e preocupação. A maior parte dos adultos passa a tratar esses meninos como gente grande, mas eles continuam crianças...

Já aparecem umas espinhas aqui e ali, a curiosidade sexual aumenta, as “panelinhas” competem e, no meio de tanta mudança, muito medo e confusão escondem-se no íntimo de cada um.

Haja paciência e disponibilidade para ouvir queixas e inquietações! Como é difícil diminuir as expectativas em relação a esses seres em mutação! Afinal, eles vão passar pela 5ª, 6ª, 7ª, 8ª e chegarão ao 2º grau. Aí, de novo em dezembro, quando saem da escola adolescentes, pais e educadores crêem que em fevereiro eles voltem adultos.

**Patrícia Rubim**

*Psicóloga do Colégio São Vicente de Paulo*



# 5ª SÉRIE

# SERES

# MUTAÇÃO em

## O que está mudando em você?

(Menino) – Meu comportamento. Antes eu me comportava assim meio infantilmente, jogava bola em lugares que não podia, agora eu acho que já me comporto melhor, tô mais crescido.

## E fisicamente, você acha que está mudando?

(Menina) – Sim, o corpo. Quando visto algumas roupas, tenho que usar outras por baixo.

## Você está gostando do seu corpo novo?

(Menina) – Acho que às vezes é bom. Você tem uma coisa que você gostava e agora não pode gostar mais porque ou está pequena ou porque é coisa de criança, você não pode mais usar e às vezes é bom porque tem coisas novas que estão acontecendo.

## Vocês ainda brincam de boneca?

(Menina) – Sempre odiei boneca.

(Menina) – Eu brincava de Barbie quando eu era bem pequena.

(Menina) – A gente tem paixão pelos bichinhos de pelúcia, a gente ama pra botar no quarto, pra ficar bonitinho, deixar arrumado.

(Menina) – Às vezes, pra dormir, a gente pega aquele bichinho mais fofo, a gente dorme abraçado.

## Você acha que tem alguma coisa mudando em seu corpo?

(Menino) – Eu acho, eu cresci muito, a voz mudou muito, só.

(Menino) – Acho que meu corpo não mudou muito, mais o modo de vestir sim. Antes eu era muito infantil, não ligava pro que eu vestia, era sempre minha mãe, agora eu já vou pra festa e já vou todo arrumado, com calça jeans, camisa polo...

## O que você sente quando ouve a frase “como você está grande”?

(Menino) – Acho que virou praticamente rotina, um parente que você vê um dia assim aí fica uns dois meses sem ver, aí certamente ele vai falar – como você cresceu, já tá grande, já tá um homão, tá virando adolescente – porque a pessoa não me vê há muito tempo e quando eu tinha oito anos assim, aí já tô com dez, eu cresci muito.

(Menino) – Ah, parente fala isso direto, eu não sinto praticamente nada, porque vivem falando isso: “Ah, como você cresceu”... Eu reconheço mesmo que eu cresci, mudei muita coisa, no cheiro, tá tudo bem, não tem muito problema que eles falem isso não, eu gosto.

## Como é essa mudança do cheiro?

(Menino) – Antigamente se você não passasse desodorante tava tudo bem, agora se você não passa fica aquele cecê brabo, né, aí é ruim.

## E quando perguntam se você já está com namorada?

(Menino) – Fico meio envergonhado, mas aí respondo que não, ainda não.

## Alguém aqui já tem namorado(a)?

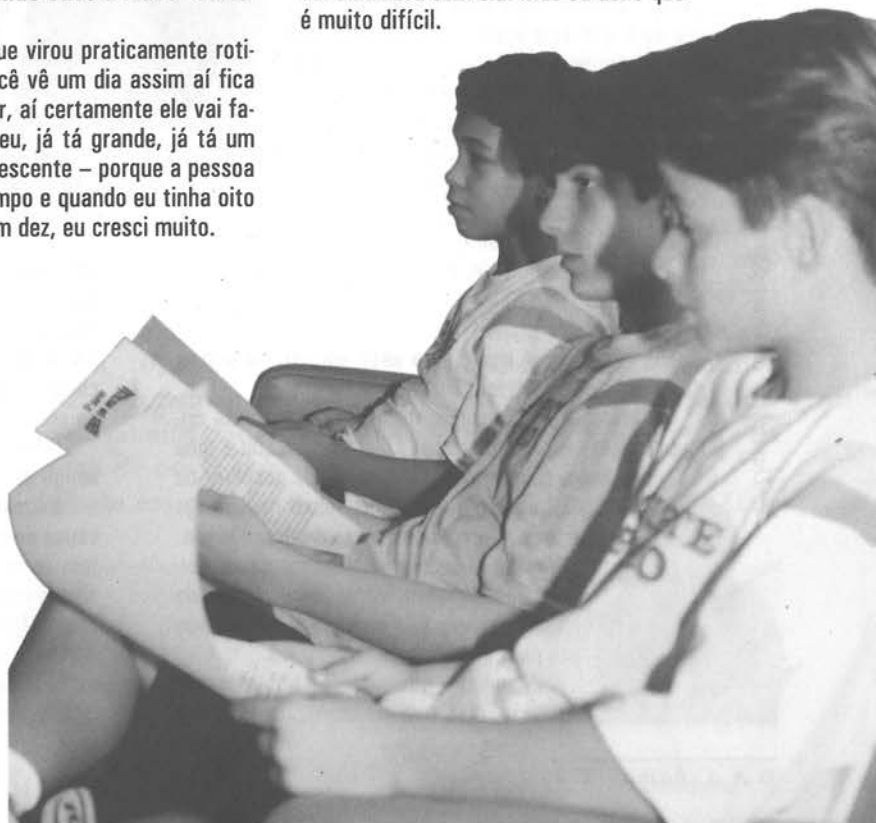
(Menina) – Ele era mais novo do que eu, mas geralmente as meninas os namorados são mais velhos, mas ele teve que ir pra Recife porque o pai dele foi transferido, assim aí eu senti saudade porque eu gostava muito dele mas a gente foi terminando assim a gente se falava ainda mais ou menos até março, abril, aí depois perdeu o contato.

(Menino) – Eu tive três namoradas e todas viajaram pra São Paulo, eu não entendi por que as três viajaram pra São Paulo. Já namorei também, aí eu era pequenininho, namorei com duas eu acho que elas eram irmãs, Karina e Bruna, a gente... sabe, tinha abraço, beijo e tal e teve até um encontro lá em casa.

(Menino) – Eu tive uma namorada em Minas que tem o maior tempão que a gente não se vê mais. Aí, sempre nas férias eu vou pra lá e a gente volta mas quando volto pra cá eu deixo ela livre.

(Menino) – Assim, nessa idade, geralmente a gente não namora assim, é só quando a gente “fica” muitas vezes, vê que tá dando certo, aí vai e namora com ela. Mas eu acho que é muito difícil.

Entrevista coordenada por Vanja Freitas, com a colaboração da professora Solange e da psicóloga Patrícia Rubim. Fotos de Dnaysse de Aquino. Participaram os alunos Andréia, Talita e André Mucci (T 51); Leandro e Laura (T 52); Letícia e João Marino (T 53); Luiz Felipe (T 54).



# SERES EM

# MUTAÇÃO



(Menino) – Já tive namoradas e lembro de algumas, lembro de uma que morava lá na Barra, eu tinha um casa lá e namorei com ela.

**O que é "ficar"?**

(Menina) – É namorar assim numa festa uma vez só nunca mais.

(Menina) – É sem compromisso, você pode "ficar" quantas vezes você quiser, vai numa festa "fica" com um depois "fica" com outro, não tem compromisso.

**O que é que você espera do futuro?**

(Menino) – Eu não gostaria que houvesse as coisas que estão acontecendo no mundo hoje, a miséria, as pessoas na rua, as pessoas passando fome lá no Nordeste, sem moradia, o desemprego.

(Menina) – Ah, eu acho que também depende da gente, pensar o que se pode fazer pra ajudar.

(Menino) – Depende, porque se o governo continuar essa bosta que está, o mundo vai ficar pior! Se continuar do jeito que está, não tem esperança de melhora, não. No meu futuro, quero ser ator, eu faço teatro aqui na escola.

(Menino) – Bom, eu gostaria que no futuro do mundo acabasse a violência, a prostituição, a miséria, e que o governo melhorasse. Eu vou ser desenhista.

(Menino) – Eu espero que as pessoas se conscientizem e que tenham respeito maior pela natureza e nem precise que se aplique multas. O que está acontecendo na seca do Nordeste é por causa disso, porque a Humanidade não está respeitando a natureza, aí a natureza se revolta. Também tinha uma frase num texto que eu li que dizia assim: "pra dominar a natureza, primeiro você tem que respeitá-la." Então, nesse sentido, dominar não é destruir: é fazer parte dela, respeitar, viver na igualdade com ela. E quando eu crescer eu pretendo ser cirurgião plástico, porque uma vez que eu tive um problema nas costas eu fui lá no médico e gostei do cara, ele é legal e eu fiquei com uma boa impressão dele, mas acho que vou ter que estudar muito não é?

**Vocês concordam que o que está escrito no artigo da Professora Patrícia Rubim?**

(Menino) – Eu concordo, mas ainda tem muita criança, muito "filhinho de papai", que prefere que a mãe escolha a roupa, não gosta muito de escolher os amigos, prefere que os pais falem qual amigo que é legal. São poucos esses da nossa idade.

(Menina) – Eu quero acrescentar uma coisa no que ele falou. Não é bem "filhinho de papai". É quem tem mordomia, empregada pra dar comidinha na boca, babá...

(Menino) – Muitas mães têm medo da violência, mas tem muitos alunos que vão



sozinhos pra casa, moram em Botafogo e estudam aqui no São Vicente no Cosme Velho e vão pra casa sozinhos, aí tem muito filho único que fala: "Pô, mãe, mas ele vai..." Aí ela chega e fala: "Ele é ele, a mãe dele é a mãe dele..."

**"É muita coisa nova, é muita alegria e preocupação." Vocês concordam com isso? Quais são as alegrias e as preocupações?**

(Menino) – É, porque quando a gente está agora a gente é muito preocupado assim pra agradar os outros, antigamente a gente se preocupava com a gente, agora não, você fica preocupado. Eu vou numa festa... que roupa eu visto? Será que eu vou causar boa impressão? Eu não posso queimar meu filme, eu tenho que ir legal... Mas as coisas boas é que você tem mais liberdade de escolha agora, antigamente seus pais mandavam em quase tudo, mas já tem esse negócio de ser mais preocupado com as aparências.

(Menino) – Eu acho que as coisas boas é essa novidade de ter mais ligação com garotas assim de "ficar" e as preocupações são as responsabilidades que a gente está tendo muito grande que a gente tem muita matéria aí passa muito, muito mesmo trabalho de grupo, aí você depende mais da agenda, do diário, se não você dança.

**Nessa idade de vocês, vocês acham que tem muita panelinha?**

(Menina) – Eu acho que tem gente, por exemplo, é, tem amiga, eu tenho uma amiga que é mais ligada comigo, eu vou mais na casa dela, tem outra que eu falo assim mais como colega, tem umas que eu fico sempre perto delas, tem outras que eu não deixo de ser amiga delas, tem outras que eu não gosto, são minhas inimigas, eu não gosto mesmo.

(Menino) – Tem muito garoto assim que eles já são metidos a ser adolescentes e aí é sempre um grupinho que são os únicos que nas festas "ficam", vão em todas as festas, são chamados pra tudo que tá acontecendo. E tem as meninas que são esses grupinhos que se juntam, dos meninos e das meninas, e aí fica um grupo só e o resto. Aí, a gente tenta botar um menino, um menino que era de fora e que não era muito ligado a elas, a gente bota ele, elas pegam uma menina, até crescer, até quando chegar mais adolescente, tá a turma toda em um grupo só. A turma toda numa panelinha só.

(Menino) – Sei lá, acho que todo mundo tem que ser amigo de todo mundo.

(Menina) – Tem umas panelinhas que não é só por causa de amizade, mas porque uns são maiores, se vestem assim como pessoas maiores e "ficam", e outros têm brincadeiras mais infantis. Também por causa da idade, 2ª, 1ª série, tinha muito isso, 3ª ainda tinha um pouco, aí na 4ª já tava acabando. Também é a fase da pessoa, né? Ela tem que perceber isso, se ela tá crescendo, se ela ainda faz parte...

Desenhos, de cima para baixo: André Lobo (T. 31), Caroline Bastos (T. 51), Luiz Felipe (T. 54), Robson (T. 52)





# Um rosto analfabeto e sem Educação



Num país que contabiliza 32 milhões de analfabetos, a Igreja escolhe a **Educação** como tema da *Campanha da Fraternidade 1998*. E lança um brado: uma grande campanha de alfabetização, que humanize cidadãos e cidadãs brasileiros.

Ninguém pense que os mais de 32 milhões de brasileiros estatisticamente considerados analfabetos são apenas velhinhos à beira da morte. Há pelo menos 3 milhões de crianças de 8 a 14 anos incluídas nesse número vergonhoso, e um número muito maior de jovens. Infelizmente eles terão que esperar ainda alguns anos: se o ritmo considerado for o dos anos de 92 a 96, a alfabetização no Brasil vai demorar pelo menos mais duas décadas.

Com cerca de 14,7% de analfabetos em 1996, nesse campo o nosso país está muito pior do que o Paraguai (8%), um dos países mais pobres da América latina. Se a comparação for com a Argentina (4%) ou com o Uruguai (3%), a vergonha não tem tamanho.

## O É ESMOLA

Educação não é esmola que satisfaz à necessidade de hoje e deixa a pessoa novamente necessitada amanhã.

Educação é o instrumento que transforma a pessoa, tornando-a responsável por seu próprio progresso e pelo bem da comunidade.

Estamos cansados de ouvir que educação é prioridade em progra-



mas de governo. Para ser verdadeira, essa prioridade deve concretizar-se em investimentos que proporcionem qualidade de vida às famílias, ênfase ao ensino fundamental, combate ao analfabetismo, garantia de salários dignos aos professores, treinamento adequado para educadores populares,

recuperação educacional de presos e drogados, atendimento aos deficientes...

## APELO À AÇÃO

Nesta Campanha, **somos todos educandos e educadores**. Vamos procurar educar-nos a nós mesmos, e procurar ajudar também aos outros neste processo.

Não podemos ficar somente refletindo. Devemos chegar a alguma ação concreta.

*“EDUCAÇÃO E FRATERNIDADE: A serviço da Vida e da Esperança”*. O Colégio São Vicente de Paulo, à luz da Campanha da Fraternidade / 98, convida e conclama todos os educandos e educadores a formarem uma frente ampla em prol de um compromisso comum: **luta por uma educação de qualidade para todos, a serviço da vida e da esperança**.

Sérgio Maia

*“A serviço da vida e da esperança”*

Este é o lema da Campanha da Fraternidade 1998. É não é só de escola que ela está falando.

# A dívida da EDUCAÇÃO



**A** educação, como pilar fundamental no desenvolvimento de qualquer nação, deveria merecer atenção especial dos governos e da própria sociedade.

Isto não é novidade, e falar sobre educação será sempre mais fácil do que fazer alguma coisa. Mas parece que, pelo menos nas últimas décadas, a atenção com a educação aqui no Brasil vem aumentando, tanto que, segundo o IBGE, a taxa de analfabetismo da população acima de 15 anos baixou de 40% em 1960 para 15% atualmente.

Embora possamos entender as dificuldades de proporcionar educação básica em um país de dimensões continentais e considerando que a nossa taxa de analfabetismo ainda seja bem maior do que a de alguns de nossos vizinhos, como a Argentina (4%) e Uruguai (3%), resta-nos a esperança de que a curva continue na descendente e que possamos viver em um país que valoriza a educação de seu povo. Não só em relação à diminuição do analfabetismo existe esperança. No ensino fundamental, que vai da 1ª à 8ª série, podemos também verificar a melhoria de alguns indicadores. Segundo o MEC, a frequência ao ensino fundamental quase dobrou nas últimas décadas, chegando hoje a 93% da população dos 7 aos 14 anos já matriculadas.

Atualmente o governo está preparando uma grande reforma no ensino de 2º grau, passando a encará-lo como um estágio de formação geral e facilitando o ingresso no mercado de trabalho, hoje uma necessidade para o crescimento do país.

Saindo um pouco da visão macro e tentando agora focalizar a atenção no ensino fundamental e no de 2º grau do nosso Colégio São Vicente de Paulo, podemos identificar alguns pontos importantes, como por exemplo, a forma positiva de relacionamento dos alunos com o Colégio.

É muito bom podermos vivenciar, como pais, o crescimento de nossos filhos rumo à cidadania. No final do ano passado, por exemplo, as turmas de 3ª série do 2º grau, durante a solenidade de formatura, fizeram uma verdadeira declaração de amor ao Colégio. Foi um momento de muita emoção, onde pudemos ter a certeza de termos escolhido um bom colégio para complementar a educação dos nossos filhos.

Outro ponto positivo. Neste último ano, a aprovação dos alunos no vestibular das duas maiores universidades do Rio de Janeiro levou o Colégio a ocupar posição de destaque entre os congêneres.

Nós, da diretoria da Associação de Pais e Mestres – APM, através das reuniões regulares com a Diretoria do Colégio, e participando também de reuniões pedagógicas, temos tido a oportunidade, desde 1995, de acompanhar mais de perto a vida escolar e de influenciá-la com idéias e ações, a nosso ver, positivas. Este contato mais estreito e constante nos leva também a dividir as preocupações de caráter pedagógico e até econômico.

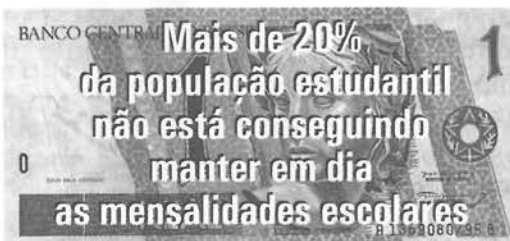
Uma dessas preocupações, atualmente, diz respeito à inadimplência.

Para se ter uma idéia deste delicado problema, só neste ano, nos quatro primeiros meses, verificamos que mais de 300 alunos encontram-se em débito com as mensalidades, levando o déficit a um valor superior a R\$ 200 mil. Quase 40 alunos ainda devem mensalidades de 1996 e 1997, aumentando o prejuízo em mais R\$ 63 mil e até 68 ex-alunos estão inadimplentes desde 1995, somando mais R\$ 100 mil à conta da inadimplência. A dívida chega quase a R\$ 400 mil!

Mesmo entendendo que a situação econômica do País, como um todo, esteja bastante desconfortável para a classe média, os números assustam um pouco, e isto é preocupante, pois, se mais de 20% da população estudantil não está conseguindo manter em dia as mensalidades escolares, como poderemos assegurar a qualidade do ensino particular?

Para ajudar na busca de soluções para problemas desta natureza, é importante a participação dos pais, seja através das reuniões realizadas com o próprio Colégio, seja através das reuniões promovidas pela APM e intercaladas com as de diretoria ou até mesmo via contatos individualizados, com o Colégio ou com a APM.

Dessa forma, teremos a certeza de estar colaborando para o nosso crescimento, o de nossos filhos e do País.



# REVITALIZAÇÃO



Desde o início da atual gestão, a diretoria da APM tinha o propósito de reformular as bibliotecas da Escola. Era nosso interesse contribuir para a melhoria dos espaços destinados à leitura e reflexão, como forma de estimular a frequência e o aproveitamento por parte dos alunos.



## DAS BIBLIOTECAS



A idéia da reforma surgiu nos primeiros meses do ano letivo de 1995, em reunião do grupo (Lucília, Walter, Gilda, Sérgio Germano, Maria do Carmo, Ricardo, Carmen e Sérgio Munck), promovida para discutirmos os objetivos da nossa atuação.



Tendo como pressuposto a importância da atividade de leitura, relegada a um plano secundário em virtude dos progressivos avanços da informática e seus atrativos para os alunos, entre outros aspectos, nos propusemos a enfrentar esse tema. Assim, revitalizar as bibliotecas com a reforma dos seus espaços físicos, inclusão de recursos informatizados, renovação do acervo de leitura e requalificação dos recursos humanos constituiriam os pontos fundamentais para o desafio proposto.

### IDÉIAS, PROJETO E OBRA

A riqueza dos debates estimulou o surgimento de várias idéias quanto à utilização daqueles espaços. Definimos, assim, as características básicas desejadas para a reforma física:

- criação de áreas diferenciadas para leitura (individual, em pequenos grupos e em grandes grupos);
- informatização do atendimento por parte das bibliotecárias;
- criação de cabines equipadas com microcomputadores dotados de recursos de multimídia para uso exclusivo dos alunos.

A despeito do nosso entusiasmo inicial, a proposta ficou em "banho-maria", aguardando melhores possibilidades financeiras que viabilizassem tal empreendimento. Isso só ocorreu no 2º semestre de 1996, quando discutimos o tema em reuniões da diretoria da APM com a Direção do Colégio e as coordenações presentes, 28/08/96.

Após intensos debates, a proposta foi aprovada por unanimidade, com a incorporação de mais uma função considerada vinculada às atividades da biblioteca dos maiores: a guarda de material audiovisual destinado ao empréstimo. Além disso, pensou-se que os equipamentos de informática poderiam ser utilizados para a implantação de um laboratório de línguas. Desse modo, as pretensões iniciais foram ampliadas e o projeto de reforma deveria atender a todas as novas funções.

Finalmente, contratamos duas arquitetas para a realização do

projeto e a execução da obra, tudo sendo feito com efetivo acompanhamento da APM. A obra foi realizada em 4 meses, no período de dezembro de 96 a março de 97.

### RESULTADOS

Hoje, mais de um ano após a inauguração em 31 de março de 97, podemos afirmar que o resultado desse empreendimento foi muito significativo, conseguindo, em boa parte, atingir os objetivos inicialmente previstos.

O laboratório de línguas e as atividades de audiovisual acabaram sendo localizados em sala específica designada à produção, guarda e empréstimo desse material. Portanto, os espaços das duas bibliotecas revitalizadas vêm sendo utilizados basicamente para as atividades tradicionais, acrescidas de alguns recursos de informática para os alunos.

Conseguiu-se proporcionar espaços mais amplos, com melhor adequação das suas funções, em um ambiente mais confortável e esteticamente agradável às crianças e aos jovens usuários.

Mas a renovação do acervo realizou-se apenas parcialmente, em virtude dos altos custos da obra (cerca de R\$ 110 mil) e da pouca disponibilidade financeira do Colégio para arcar com este compromisso. Os profissionais que atuam na biblioteca também demandam uma reciclagem na sua qualificação. Estes dois aspectos ainda constituem pontos importantes a serem realizados. Ouvindo a opinião dos principais interessados – os alunos –, a diretoria do Colégio e a APM deverão propor soluções.

A reforma das bibliotecas representou um passo inicial e um estímulo à realização de outras obras igualmente significativas para a renovação do CSVP. Nesse sentido, em nome da APM, agradecemos todo o apoio recebido da diretoria do Colégio, sobretudo do Padre Almeida.

*Carmen Beatriz Silveira  
Sergio Munck Machado*

# RESUMO DO MEMORIAL DESCRITIVO

Às vésperas da virada do século evidencia-se a utilização dos meios eletrônicos no processo educacional. Se por um lado o avanço da tecnologia é inevitável, por outro, o ato da leitura necessita mais do que nunca ser incentivado. Dentro desse contexto, assinala-se a importância da modernização e ampliação das Bibliotecas do Colégio São Vicente de Paulo.

## Biblioteca Prof. Jorge Luiz

### Situação

Na biblioteca "dos maiores", localizada no 3º pavimento, constataram-se alguns pontos básicos que deveriam ser reformulados: a iluminação insuficiente; a rigidez de arrumação das mesas, limitando a frequência máxima a 40 pessoas; a distribuição das estantes de modo indevido, acarretando a deterioração de parte do acervo.

Além das necessidades essenciais da Biblioteca, três outras foram levantadas como funções possíveis de serem atendidas por um novo espaço: salas de estudos e/ou reuniões, laboratório de línguas e multimídia e área para arquivo de material audiovisual.

### Programa

Com base nas demandas feitas, programamos as seguintes reformulações:

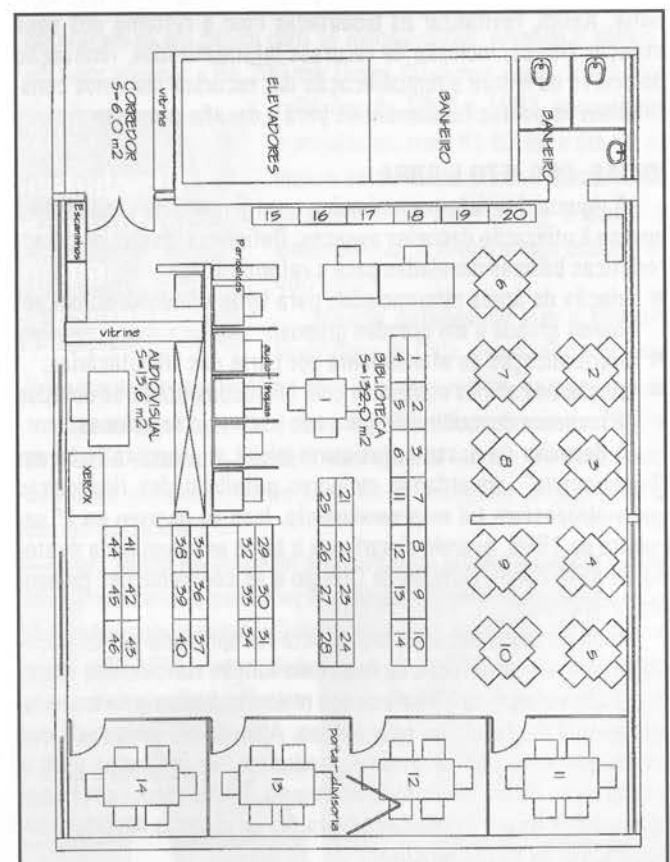
- 4 saletas para trabalho de grupo e reuniões, sendo duas interligáveis;
- 5 cabines individuais para laboratório de línguas e multimídia;
- Área para guarda do material audiovisual e mesa do responsável;
- Previsão para aumento do número de estantes, com acréscimo de 550 livros;
- Área para leitura individual com 10 mesas para 4 pessoas;
- Escaninho com chaves para guarda de material;



Fotos: Dnayse de Aquino

- Vitrine para marcar visualmente a entrada da Biblioteca e proporcionar um espaço para divulgação de material existente para pesquisas sobre temas didáticos, além das novas aquisições.
- Nova iluminação.
- Inclusão de banheiro feminino.

Como seria inviável acrescentar novas funções ao espaço físico ocupado pela Biblioteca (86m<sup>2</sup>), após entendimentos entre a Diretoria da APM e a Direção do Colégio optou-se por anexar a sala de aula contígua à Biblioteca. Dessa forma foram acrescentados 54m<sup>2</sup>, além do hall existente (10m<sup>2</sup>), totalizando 150m<sup>2</sup> de área.



Biblioteca "dos maiores"

# DO PROJETO ARQUITETÔNICO



## Concepção do Espaço

Partindo-se do questionamento sobre a funcionalidade da Biblioteca, concluiu-se que, além de ser reformada e ampliada, ela deveria ser revitalizada e, para isso, passou-se a encarar o **usuário** como elemento principal.

Para estimular a freqüência do estudante, pretendeu-se não só oferecer-lhe novos recursos, como também proporcionar conforto na disposição do mobiliário, da iluminação, da ventilação, no uso de cores, etc.

Em termos de *lay-out*, decidiu-se delimitar as atividades em faixas ou áreas. O espaço situado ao lado da janela dos fundos foi considerado ideal para sala de leitura individual, uma vez que oferece iluminação natural adequada e baixo nível de ruídos externos. As atividades de reunião ou estudo em grupo foram localizadas em saletas ao longo da parede cega, com iluminação artificial e utilização de divisórias com vidro voltadas para o interior da Biblioteca.

As estantes, localizando-se perpendicularmente às saletas, permitem melhor visualização do espaço interno por parte das bibliotecárias. Próximas à entrada, ficam as cabines para computador e há, ainda, uma área reservada para guarda de documentação e material audiovisual, formando a ante-sala.

As cores lilás e salmão foram escolhidas por serem indicadas, por estudos de cromoterapia, para estímulo da atividade mental e de concentração.

## Biblioteca Infantil "Menino Maluquinho"

### Situação

A biblioteca "dos pequenos", instalada numa sala de 42m<sup>2</sup>, possuía pouca iluminação natural e pé direito baixo (2,30m), devido à localização sob o ginásio. O aproveitamento da sala era basicamente feito por 6 mesinhas de 4 cadeiras, distribuídas no centro, e estantes junto às paredes. O aspecto geral, em tons cinza e bege, com os livros dispostos de forma não-atraente para o usuário infantil, transmitia uma certa monotonia.

### Programa

Com base nas demandas feitas, programamos as seguintes reformulações:

- 2 *totens* para exposição de livros;
- palco (tablado), com cortina e iluminação direcional, para representações, contadores de história e leitura;
- 10 almofadões de 100 cm x 100 cm;
- 11 *pufs* formando uma pequena platéia;
- 6 mesas com 4 cadeiras;
- 2 mesas para microcomputador;
- melhoria da iluminação, ventilação e refrigeração;
- novas estantes.

Por ser inviável acrescentar novas funções ao espaço físico então ocupado pela Biblioteca (42m<sup>2</sup>), foram anexadas duas salas contíguas, totalizando cerca de 100m<sup>2</sup> de área.

### Concepção do Espaço

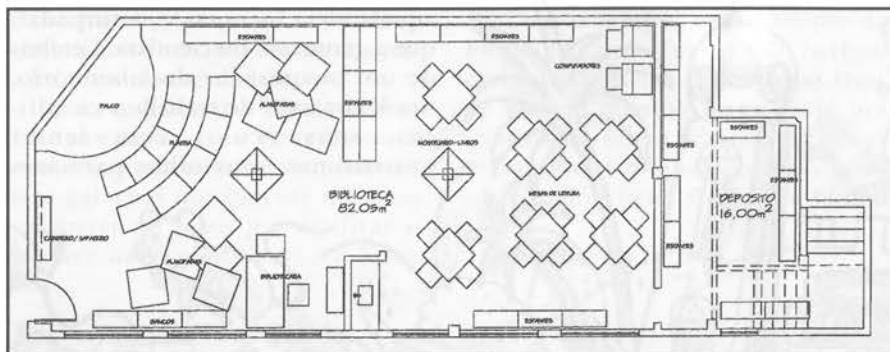
A concepção procurou priorizar o aspecto lúdico como tônica da reformulação, proporcionando diferentes opções de posição de leitura (mais naturais e espontâneas) e incrementar o aspecto visual no modo de exposição dos livros.



Interpretou-se esse espaço como um local destinado mais à palavra e ao encantamento, do que a biblioteca "dos maiores", onde o silêncio é uma regra. Portanto, previu-se uma área atendendo a três funções: representações de textos infantis adaptados ao local, apresentação de contadores de história e, ao mesmo tempo, um ambiente aconchegante onde se pode sentar ou deitar sobre almofadas. Além disso, adicionou-se um cantinho de leitura onde as mesas são substituídas por almofadões, o que também contribui para proporcionar a sensação de expansão do espaço.

Optou-se pela escolha das três cores básicas (azul, vermelho e amarelo) que destacam de modo vibrante os elementos arquitetônicos, áreas e mobiliário da nova biblioteca. E decidiu-se aproveitar a pia existente e valorizar o seu espaço através da utilização de tijolos de vidro.


A nova fachada mostra-se mais atraente em relação ao usuário deste espaço. Assim, as cores utilizadas em seu interior foram enfatizadas na fachada, onde foi proposta a colocação de uma pequena marquise em material translúcido, sob a qual adicionou-se um poste com placa indicando o nome da Biblioteca.



Biblioteca "dos pequenos"

**Arq. Márcia de Noronha Santos  
e Arq. Elisa Yoshie Okada**  
Supervisão:  
**Arq. Carmen Beatriz Silveira**

# Provocando Car



**E**stagiari em laboratórios, aperfeiçoando tendências e talentos, é uma oportunidade rara e valiosa para estudantes do 2º Grau. O **Programa de Vocação Científica (PROVOC)** já existe há 12 anos encaminhando estudantes a estágios em instituições consagradas, como a **Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz**. Desde 1990, o Colégio São Vicente mantém convênio com o PROVOC, e temos atualmente 11 alunos estagiando em vários laboratórios, além de um aluno, Rodrigo Amâncio (do 3º A), cursando o Avançado.

A partir do ano passado, o Programa foi ampliado com convênios com o **Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF)** e com o **Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA)**.

No CBPF, o processo de estágio ocorre nos mesmos moldes da Fiocruz, com duração de um ano: começa em agosto para estudantes da 1ª série do Ensino Médio e termina em junho do ano seguinte.


Já no IMPA, os interessados precisam ter concluído o 1º ano do Ensino Médio, e disposição para frequentar um curso de verão, durante todo o mês de janeiro, com quatro aulas semanais. A partir daí, são selecionados os que se mostram mais aptos a permanecer na instituição por um ano. Ou seja, no IMPA o estágio acompanha o calendário escolar.

De todos os estudantes das escolas que participam do PROVOC e concluíram o curso de verão do IMPA, somente quatro alunas (meninos, se cuidem!) foram convidadas a começar o estágio. Entre elas, a nossa Beatriz Siffert, do 2º C.

Os novatos do CBPF são: Carlos Eduardo Hombeck, do 2º B, Manuela C. dos Passos, do 2º A, e Lotus Osava, do 1º B.

Nestas páginas, Suzana Vaz, que fez estágio na Fiocruz, fala de suas experiências.

*Patrícia Rubim*



**C**erto dia, há uns 8 anos, eu estava na iminência de matar o recreio, não porque estivesse doida pra fazer os exercícios recém-passados, mas por mera melancolia e preguiça de sair da sala. De repente entra Luciana, alegre como sempre. A conversa, o quanto minha memória permite, passou-se mais ou menos assim:

- Eu 'tava te procurando. Você viu?

- O quê? - respondi.

- Uns cartazes lá fora sobre um negócio de trabalhar em laboratório.

- Como assim?

- Não sei direito. Mas é pra fazer pesquisa. É na Fiocruz, onde eles fazem remédios, vacinas, essas coisas. A gente podia se inscrever!

Ela me puxou para o corredor. Tinha um cartaz com um desenho de um microscópio no meio, um castelinho atrás. Esse foi o meu primeiro contato com o *Programa de Vocação Científica*, depois mais intimamente conhecido como *ProVoc*.

Poucos meses depois eu estava saltando do 497 na Avenida Brasil e atravessando uma passarela para a Fundação Oswaldo Cruz – a Fiocruz (onde há algumas décadas chegava-se de barco). Passei uns três anos no Laboratório de Biologia e Controle da Esquistossomose: no primeiro ano, pelo ProVoc; depois, no Avançado e, finalmente, como bolsista de graduação.

Quando tento recapitular a Fiocruz na minha vida, lembro das mais variadas situações.

Lembro, por exemplo, de uns estereótipos de história em quadrinhos; aquela idéia (nem tanto deturpada!) que a gente tem do cientista. Lembro de um pesquisador do laboratório, um leitor nato de trabalhos científicos, seus óculos com lentes grossíssimas, seus olhos pareciam

# reiras Científicas



meio que sob efeitos especiais. Tão grossas como o *Curriculum Vitae* do nosso chefe, que encontrei um dia na bancada e fiquei folheando, impressionada: congressos mil, publicações e mais publicações, trabalhos em cidades atingidas por esquistossomose no Brasil inteiro, na África, etc.

Lembro de estagiários e técnicos com jalecos manchados olhando em microscópios ou mexendo tubos de ensaio com líquidos esquisitos. Lembro daquele menino bonitinho do CEAT. E do dia em que fui assaltada na passarela da Av. Brasil, quando consegui convencer o cara de me devolver a minha pasta ao lembrar-me do papelzinho de inscrição no vestibular da UFRJ que tava lá dentro.

Lembro da técnica baseada numa vassoura, mais uma armadilha e uma luva bem grossa e muita coluna vertebral pra se abaixar sob estantes do biotério pra recapturar roedores silvestres de dentinhos afiados, desgraçados fugitivos de gaiolas mal fechadas.

O projeto do meu orientador, do qual fiz parte, era um acompanhamento de uma população de roedores selvagens numa cidadezinha serrana de pequenas fazendas pobres, perto de Teresópolis. De asfalto só tinha a rua da praça da Igreja, uma rua principal e a ladeirona do hospital, onde a gente analisava as lâminas. O resto era poeira, lama e muito buraco, que só a Toyota da Fiocruz dava conta. Os roedores estavam provavelmente ajudando na manutenção da doença, um verme intestinal, na região; a gente tava tentando descobrir o quanto. A cada dois meses, em prol da intranquilidade materna, a gente ia pra essa cidadezinha de mapas locais, chamada Sumidouro (verdade!).

Tinha que acordar às seis da manhã, preparar isca com banana amassada, aveia e bacon cru, colocar umas galochas que iam até o Joelho e se meter no mato pra verificar e rearmar as armadilhas. As fezes

eram coletadas da armadilha para fazermos lâminas e observar ou não a presença da infecção. Os bichos eram pesados (o peso serve para avaliar a idade no campo a partir de uma curva feita com animais em laboratório), marcados com numeração e depois soltos. Lembro da Di-01. *Di* vem de *Didelphis*, o nome científico para o gênero do gambá. A Di-01 era uma gambá, a primeira em todas as excursões a ser coletada. Ela já era veterana de armadilhas e, ao contrário da grande maioria dos bichos capturados, normalmente nervosos e agressivos, a Di-1 estava sempre confortavelmente dormindo, feliz, digerindo uma isca; a nossa chegada pela trilha era motivo suficiente só pra uma piscadinha de olho e uma volta ao ronco. Abrir uma armadilha era normalmente pra gente um momento de concentração; o bicho tinha que ser passado para um saco de pano para ser pesado numa balança portátil (o instante em que mais perigava-se uma mordida). Mas quando encontrávamos a Di-01, havia um processo de convencimento: ela nunca queria sair; segurava com as garras nos aros da armadilha.

Acabei fazendo vestibular para Biologia e também para Matemática. Aliás, na minha prova caiu uma questão justamente sobre esquistossomose, mas eu tinha tanta informação na cabeça que acabei interpretando a pergunta além do pouco a que ela se referia e errei! Tudo bem... Fiocruz acabou não sendo adiante no vestibular, mas acabei cursando Biologia no Fundão e entrei há pouco no mestrado em Genética, lá também.

Com o tempo, desliguei-me da Fiocruz quando fui criando curiosidade de conhecer novas áreas (mas de vez em quando eu passo lá pra consultar a ótima biblioteca e matar as saudades daquele maravilhoso castelo mourisco). Passei um tempo

num laboratório de invertebrados no Museu Nacional, na Quinta da Boa Vista, depois me encontrei num laboratório do Departamento de Genética da UFRJ. A Matemática ficou guardada no coração (sério, Cristina!) até agora, quando finalmente encontrei para ela um papel importante na minha tese de mestrado.

Bem, e o que ficou da Fiocruz em mim?

O Programa de Vocação Científica foi sem dúvida o primeiro tijolinho de construção da minha carreira na área de pesquisa. Outros ex-participantes foram pra Farmácia, outros pra Medicina. Pros que se avarandaram pela Física ou Arquitetura, Artes ou Psicologia, a Fiocruz certamente serviu pelo menos como bons tempos, experiência de vida e alguma lição importante.

Um dia eu vou esquecer de como segurar um roedor revoltado ou como preparar uma lâmina pra observar ovos de *Schistosoma mansoni*. Mas acho difícil eu perder o gosto pela ciência, que deu a engatilhada lá. Pesquisa é como uma eterna criança de cinco anos, aquela fase bombardeada pelos "por quês". O problema, na verdade o legal da estória, é que um "por quê" só serve pra gerar pelo menos mais uns dois. Fazer pesquisa é um ciclo vicioso: você quer, precisa saber, e perguntas não faltam. Coisa perigosa para sagitarianos...

Obrigada, SVP, pela oportunidade. Acho ótimo este programa estar dando certo e crescendo. Ah! Parabéns, revista *A Chama*, pelo aniversário. Só mais uma coisinha... Depois de tantos anos ouvindo falar do Caraça, finalmente estive lá no mês passado. Nossa, que lugar lindo! Mexeu com o meu orgulho vicentino.

Suzana Casaccia Vaz



# Reformas no Colégio

Há algum tempo, o Colégio São Vicente vinha carecendo de um investimento de maior peso na preservação de seu espaço físico e na adequação do mesmo às novas demandas da Escola.

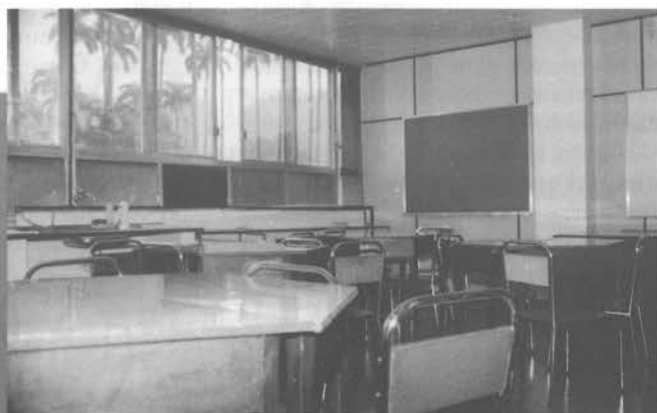
Nos últimos anos, ainda sob a administração do Pe. Domingos Oliver de Faria, por vários motivos, inclusive o seu estado de saúde, este serviço se deu num passo mais lento.

Em consonância com o Conselho Provincial e sob a tutela da Província Brasileira da Congregação da Missão (PBCM), mantenedora do Colégio, a Diretoria assumiu, em meados do ano passado, um **plano global de reformas** calcado em três pilares básicos:

- Dar um tratamento apropriado à conservação e manutenção das instalações do prédio;
- Adequar o espaço físico à funcionalidade e maior eficiência dos serviços prestados;
- Favorecer ambiente propício ao estudo e à produção de conhecimentos compatíveis com a Proposta Educacional do Colégio.



Fotos: de Dnaysse de Aquino





## PRINCIPAIS MELHORAMENTOS

Em julho do ano passado foram feitas melhorias nas salas de aula do 2º andar, onde a necessidade era mais gritante. A seguir, nas férias de janeiro, as reformas foram estendidas também às salas do 1º andar.

Ainda no segundo semestre de 97, foi reformada a área administrativa no térreo: novo *lay-out* nas salas da secretaria, tesouraria, diretoria administrativa e locação da nova mecanografia com modernização de seus equipamentos.

Incremento maior se deu em janeiro de 98. No subsolo, tivemos melhorias sobretudo nas áreas de serviços aos funcionários, além da construção de quatro salas para aulas de apoio e atividades extra-classes.

No 4º andar, foram prontadas salas para o Diretor e para as Coordenações Comunitária e Acadêmica, favorecendo maior integração com as Coordenações Pedagógicas. O 5º andar foi todo reformado para atender ao Serviço de Orientação Educacional (SOE), Coordenação Pastoral, reuniões de professores e laboratórios de biologia e ciências naturais para o 1º grau.

Juntamente com as mudanças físicas, encontram-se também em fase final:

- Informatização, em rede, dos serviços de documentação e de acompanhamento de rendimentos administrativo, pedagógico e educacional;
- Modernização dos equipamentos dos elevadores e correção das instalações elétrica, telefônica, hidráulica, rede de esgotos e sistema de segurança;
- Instalação do ar-condicionado central, desde o subsolo até o 5º andar, em substituição aos atuais aparelhos que estão com tempo útil praticamente vencido e apenas atendendo a algumas salas do prédio.



## PRÓXIMOS PASSOS

Uma segunda fase do plano deveria ser iniciada em julho. O calendário deste ano, em atendimento às exigências legais dos 200 dias letivos, tem retardado o andamento previsto para as obras. Mas já estão prontos os projetos de melhoria das portarias (portão central e entrada de alunos), sanitários para alunos, área da enfermaria, e o pátio interno (pilotis) com salas para o grêmio, rádio, jornal e Coordenação Comunitária.

Em estudos para a terceira fase, novas salas de Artes e melhor aproveitamento do terreno ao lado do Colégio, que hoje é área de esportes e educação física, estacionamento, sala das Voluntárias da Caridade e Rio-Dança.

Numa última etapa, tem-se pensado também numa nova sala-auditório com localização e equipamentos mais adequados.

## BENEFÍCIOS

Naturalmente, tocar um plano de obras desta monta e conviver com o expediente normal do Colégio, em plena atividade, não tem sido fácil e nem deixado de trazer incômodos.

As áreas já concluídas geram um clima geral de satisfação e mais motivação para o trabalho. Percebe-se maior valorização das pessoas nos diferentes níveis de funções. Os serviços e atendimentos tornam-se mais eficientes. Os novos espaços garantem melhor qualidade da produção de toda a Escola.

Por parte dos alunos, tem havido um crescimento no respeito, no zelo e no bom uso das instalações do Colégio.

A EDUCAÇÃO PARA A CULTURA DA VIDA E PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE, uma das linhas de ação da proposta educacional do São Vicente, vai encontrando espaços adequados para o seu exercício. O plano de reformas assumido em 97 é uma das partes integrantes desse processo de aprendizagem e formação.

*Pe. Maurício de Resende Paulinelli*



# Você estará lembrado...

Pe. José Pires de Almeida, diretor do CSVP



**14 a 20/01** – Em Jenipapo de Minas (Diocese de Araçuaí, no Vale do Jequitinhonha), o Pe. Almeida esteve participando de **Missão Popular** que se realiza ali e na vizinha Francisco Badará, desde seis de fevereiro. São, ao todo, setenta missionários entre padres, seminaristas, filhas da caridade, leigos e leigas de várias idades e localidades, empenhados em dar sua contribuição para o fervor da comunidade cristã, composta quase sempre de gente simples, acolhedora e generosa mas carente de aprofundamento na Fé.

**02/02** – Início das atividades do novo ano letivo com o primeiro dia da **Semana Pedagógica**. A postos, os professores e coordenadores do 1º grau, assim como os inspetores e, à noite, os responsáveis pela avaliação dos candidatos ao supletivo.

– Excelente notícia para o 1º dia de retomada: O Colégio São Vicente voltou a classificar-se em **10º lugar no Vestibular da UFRJ**. Parabéns à Coordenação, aos professores e alunos, hoje universitários.

**04/02** – Início das aulas para o 1º grau, incluindo a 5ª série. Sorrisos e lágrimas, junto a certo desconforto quanto ao local da venda do material escolar, iniciada somente hoje. O atraso das obras de reforma é responsável em grande parte pelo mal-estar destes primeiros momentos.

**09/02** – Início das aulas para o 2º grau.

**14/02** – Chega de Minas o Pe. Almeida, ausente desde o dia 9. Participou de **reunião no Caraca** para todos os responsáveis de casas e trabalhos.

– Recebemos boa notícia de classificação de nossos ex-alunos 97 em **9º lugar na UERJ**. Excelente!

**17/02** – Desaba colossal tempestade, deixando o Rio intransitável até à noite. Alunos superagitados, com tanta trovoadas da natureza e dos inspetores de disciplina. Pela primeira vez neste ano, os tampões do subsolo não resistiram à pressão da água. Felizmente os funcionários da casa ainda estavam presentes e evitaram a inundação. Foi o batismo das obras em curso.

– A queda parcial de um edifício na Barra da Tijuca, o **Palace II**, deixa a cidade em sobressalto, neste domingo de carnaval.

**02/03** – **Atropelado um aluno da 8ª série**, ao atravessar a rua, fora da faixa de pedestres. Os circunstantes observaram a indiferença dos guardas em relação ao acidente e a preocupação com multar os infratores. Tempos de novo Código de Trânsito. A batida, aparentemente superficial, ocasionou ruptura de ligamentos. Trata-se do aluno Pedro Ruiz de Góes e Vasconcellos, de 14 anos.

**05-03** – Oficialmente inaugurada a nova sala do Conselho Pedagógico, no 4º andar, vizinha à sala do diretor e da Coordenação Comunitária. Na reunião do Conselho, refletimos sobre a **Campanha da Fraternidade / 98**, que tem como tema: *Fraternidade e Educação – A Serviço da Vida e da Esperança*.

**11/03** – Na reunião da **APM**, vários assuntos foram abordados, visando à ativa participação financeira da APM em projetos educativos extra-classe. Também se tocou na questão de Bolsas a alunos carentes.

**12/03** – O aguaceiro desabado sobre a Zona Norte impediu a vinda de vários membros de nossa equipe. A sessão do **Conselho Pedagógico** só se iniciou às 10h45min, com a presença dos membros da Diretoria do **Greco**. O tema deles era como fazer participar maior número de alunos no grêmio.

**13/03** – Na reunião semanal dos inspetores, após reflexão sobre o texto base da Campanha da Fraternidade 98, foi aprofundado a questão da **entrada de ex-alunos** nas dependências do Colégio. Em coerência com a C.F., esteve-se de acordo em não abandonar os que vierem ao colégio necessitando de ajuda, contanto que a entrada seja devidamente controlada e bem determinada quanto à pessoa a quem recorrer.

– **Atropelada** a aluna Alice Morena Assef Lima, da turma 84, na travessia da rua, fora da faixa de pedestres. É o segundo caso neste semestre!

**14/03** – **Terceiro atropelamento de aluno**, este ano, em frente à entrada de alunos. Quem? Felizmente, nada de grave como consequência.



*Primeira reunião realizada na nova sala do Conselho Pedagógico (3 de março de 98)*

**25/03** – Visitou o Colégio, entretendo-se com bom grupo de alunos, o Diretor do programa de intercâmbios da Inglaterra. Artur foi o anfitrião, tendo sido, depois, convidado a almoçar com o referido diretor que se mostrou encantado com nossos jovens sobretudo, pela espontaneidade, vivacidade e capacidade de conversação em inglês.

**30/03** – Aniversário do Colégio São Vicente de Paulo. Neste dia, há 39 anos, também em uma segunda-feira, iniciaram-se as aulas do 1º ano letivo no prédio ainda em obras e cuja inauguração só aconteceria no dia 19 de julho.

**31/03** – Seguida à risca a programação dos 39 anos ontem à noite. A celebração eucarística revestiu-se de “pompa e circunstância” com a presença de sete concelebrantes e muita gente participando. O Pe. Horta, fundador do Colégio, foi alvo de carinho especial. Aos 90 anos de idade, em cadeiras de rodas, teve certamente, prazer de recordar o que fizera aos 50: uma obra para o futuro e futuro de vida e esperança. Entre as presenças ilustres no coquetel após a missa, destacava-se o casal Maria Célia e Ivan Bustamante, os pais da revista *A Chama*. Foi distribuído, entre os presentes, o número “zero” do Boletim Informativo da APM, *A Centelha*. Bem-vindo!

**09/04** – Interrompida no ano passado, a tradição da **Semana Santa no Caraça** é retomada hoje com a partida do ônibus especial levando 38 peregrinos ao Santuário de Nossa Senhora Mãe dos Homens. Feliz estada na Porta do Céu.

**12/04** – Feliz regresso do Caraça. Parece que todos os componentes do grupo apreciaram devidamente a graça de uma Semana Santa naquele lugar que, segundo Alceu de Amoroso Lima, se caracteriza como “solidão, silêncio e santidade”.

**16/04** – Riquíssimo Conselho Pedagógico, com os coordenadores verticais versando sobre os chamados *temas curriculares transversais* que ganharam importante dimensão na **nova Lei de Diretrizes e Bases**. Interessantes experiências já foram relatadas, sobretudo nas áreas de Artes e Geografia.

**22/04** – À noite, no auditório, **sessão solene dos alunos do Supletivo** em comemoração aos 25 anos do início da obra. O tema *Fraternidade e Educação* foi muito bem encenado por alunos da 6ª fase.

**23/04** – Animadas partidas de **futebol de salão** animaram o dia do aniversário do Supletivo.

**29/04** – **Mais um acidente** em frente ao Colégio: o aluno Marcelo, do supletivo, que é também funcionário da casa, ao sair do portão em sua bicicleta foi abalroado por um veículo, dirigido, ao que parece, por mãe de



aluno. Levado ao Miguel Couto, e devidamente medicado, deverá ficar alguns dias em recuperação.

**12/05** – Primeira reunião do grupo de reflexão de **educadores vicentinos** do Colégio. A partir do congresso de Curitiba, abriu-se um leque de perspectivas.

**23/05** – **Feira das Linguagens** com realizações variadas e interessantes. Casa cheia de gente e movimento. E o Artur a se esbaldar para tudo coordenar a contento.

**24/05** – **Domingão Vicentino**. Mais uma vez, o pátio interno se agita com a meninada das creches a se divertir com os alunos. Parabéns e, sempre, bis.

**25/05** – **Semana de Arte e Filosofia**. Belíssimos cartazes espalhados pela casa.

**27/05** – Inserida na Semana de Arte e Filosofia, a manhã de reflexão **1968: ontem e hoje** contou com um auditório repleto, sobretudo na parte final, com a presença do psicanalista João B. Ferreira e do casal de historiadores Moacir e Conceição Góes, testemunhas e atores em 68. Grande idéia, exce-

lente realização de resgate histórico e abertura para o porvir. Ao final, muitos alunos deixaram o auditório para uma passeata-manifestação. Seria a continuidade do “68, o ano que não terminou”?

**04/06** – Trinta alunos da 5ª série do grupo de preparação para a Primeira Eucaristia participam da abertura da **72ª Semana Eucarística** da Arquidiocese do Rio de Janeiro na Igreja de Sant’Ana, em preparação à festa de Corpus Christi.

**05/06** – Por iniciativa do Greco, realiza-se no auditório a primeira fase do projeto de reflexão conjunta sobre o tema **Fraternidade e Educação**. Doze estabelecimentos atenderam ao convite. Pelo entusiasmo dos participantes, o êxito da iniciativa foi retumbante! Que venham as próximas etapas e parabéns aos promotores!

**09/06** – Ocorreu o **Sabadão** que a chuva fizesse adiar. Tudo correu bem, tendo-se verificado eficazes as medidas de precaução tomadas. Houve alegria e arte, mas sem exageros e, sobretudo, ficando limpo o pátio. Louve-se o progresso!

**P**romulgada em 20 de dezembro de 1996, a nova LDB não nos pegou de surpresa. Já vinha sendo objeto de algumas discussões internas desde a sua tramitação. Notícias daqui e dali levantavam dúvidas que, embora ainda hipotéticas, mereciam esclarecimentos e reflexões, em diversos momentos. Nessa etapa, foram de grande utilidade os boletins emitidos pela Associação de Educação Católica através de sua diretoria em Brasília, mantendo-nos informados das tendências que vinham prevalecendo sobre o assunto.

No início de 1997, já com a *Lei na praça*, nosso primeiro movimento foi no sentido de buscar informações seguras sobre o assunto. Participamos de Seminários, Palestras e Cursos. Estivemos no Seminário que discutiu com representantes de vários países, em Brasília, a reforma de ensino de 2º grau e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), a se realizar em agosto próximo.

## NOVAS DIREÇÕES

Em nosso Colégio, a partir de setembro passamos a ter uma coordenação que busca viabilizar a aplicação da Lei à nossa realidade.

A partir de então, nosso movimento se tem dado em várias direções:

**1º - A partir da análise dos documentos oficiais, identificar tendências de caminho para as novas exigências, com suas conseqüências no dia-a-dia do colégio.**

Exemplo: Uma tendência, que se vem firmando há algum tempo e agora se torna oficial, diz respeito aos chamados “**temas transversais**”, isto é, assuntos de urgente discussão por parte da escola e não privilegiados, de modo geral, pelos conteúdos tradicionais.

Temas como Saúde, Sexualidade, Vida Familiar e Social, Meio Ambiente, Trabalho, Ciência e Tecnologia, Cultura e Linguagens são, agora, colocados no centro do trabalho escolar, com os conteúdos e atividades das diversas disciplinas buscando dar conta de sua urgência de debate na realidade brasileira.

**2º - Colocar em prática os pontos que as várias instâncias oficiais vão regulamentando:**

- São 200 dias e 800 horas mínimas de trabalho escolar, já a partir de 1998.
- A frequência mínima para aprovação é de 75% sobre o total de aulas dadas.
- A idade mínima para a conclusão do “supletivo” de 1º grau é de 16 anos e, do 2º grau, 18 anos.

Estas e outras questões já foram regulamentadas e já estão em vigor;

**3º - Capacitar a formação do pessoal docente e dos serviços auxiliares para as novas exigências:**

À medida que vão tomando contato com as necessidades dos profissionais diante das exi-

# NOVA Lei de Diretrizes e Bases

gências da Lei, as coordenações e os próprios profissionais vêm disponibilizando horários livres para a realização de cursos custeados pelo colégio. Em alguns casos, esses cursos são dados no próprio colégio, como a Introdução à Informática. Outros são buscados junto a instituições idôneas, através de convênios. E ainda, nas reuniões de equipe, esta "formação em serviço" vai buscando preparar os educadores do colégio para esta nova realidade.

#### **4º - Reformular a estrutura física e organizacional do colégio para atender às novas necessidades.**

É importante ressaltar que todas as modificações irão concretizar-se através de um **Projeto Pedagógico**, que aparece, tanto no texto da Lei quanto nos documentos de sua regulamentação, como o **instrumento central da escola**.

#### **PARA QUE UM PROJETO PEDAGÓGICO?**

É importante que a construção do Projeto Pedagógico conte com a participação ativa de todos os segmentos da comunidade. Ele deve estar concluído e encaminhado aos órgãos competentes até 31 de dezembro de 1999.

Mas para que serve o Projeto Pedagógico?

- para orientar os educadores e alunos quanto ao seu trabalho;
- para permitir às famílias uma opção pelo colégio a partir de seu Projeto, e não de motivações outras;
- para demonstrar ao Poder Público, através dos órgãos fiscalizadores, a fidelidade da nossa prática às normas legais;
- para que a Instituição tenha permanentemente, diante dos olhos, um instrumento de coerência entre o que faz e o que pretende fazer ou diz que faz.

#### **40 ANOS DE HISTÓRIA E DE PRÁTICA**

Não estamos iniciando uma escola do zero: temos quase 40 anos de história, que revelam um projeto pedagógico na prática. Ao sistematizá-lo num documento, porém, vamos buscar acrescentar o que nele possa estar faltando e retirar dele as distorções de visões particulares e práticas questionáveis, para chegarmos a um instrumento que nos permita:

- saber onde estamos, quem somos, como somos;
- estabelecer onde queremos chegar e quem, o quê ou como queremos ser e em que realidade;
- identificar os passos que permitam vencer essa distância;
- definir instrumentos de avaliação da caminhada e de correção de rumos;
- oferecer formas de superar os

desvios do caminho e celebrar as conquistas.

As primeiras iniciativas tomadas buscam identificar a realidade dos nossos alunos, famílias e professores. Os dados disponíveis são insuficientes e é preciso que todos colaborem, respondendo aos questionários e participando das reuniões de debates a que forem convidados. Talvez, assim, possamos conhecer melhor o nosso ponto de partida.

Precisamos também de ampla discussão da nossa **Filosofia Educativa**, para que o perfil do cidadão que queremos formar fique mais claro para todos. Vale o mesmo para a sociedade justa, fraterna e solidária que buscamos construir juntos.

#### **FLEXIBILIDADE E OUSADIA**

Ainda sobre a Lei, uma palavra de esclarecimento. Ela não é aquela com que sonhávamos, mas é a que está aí para ser posta em prática. E traz uma característica de flexibilidade que não nos impede de fazer o que acreditamos, do modo como queremos, desde que atendidas as suas exigências básicas.

É hora, portanto, de ousadia, de experimentar o novo, de olhar para a frente, com a segurança da história que temos e da utopia em que cremos. Contamos, para isso, com a participação de toda a comunidade educativa.

*Prof. Artur Motta*

# da Educação

# Jubileu de PRATA do Supletivo

*Nosso Curso Supletivo pode alegrar-se com a estrada já percorrida: 653 alunos receberam o certificado de 1º grau, dentre os mais de 4.512 matriculados. Vários prosseguiram os estudos do 2º grau e alguns mesmo, conseguiram galgar o nível universitário e formar-se no 3º grau. Muitos aprofundaram ou recuperaram a vida de Fé recebendo Primeira Eucaristia e a Crisma. E quantos, na convivência festiva ou da sala de aula, encontraram o sentido do coleguismo e da amizade. Sem dúvida, também, todos puderam crescer em cidadania.*

*Para uma entrevista em comemoração aos 25 anos de existência do Supletivo no São Vicente, ninguém melhor do que o próprio Pe. Almeida, que já era diretor do Colégio em 1973, quando o curso foi instituído.*

## Como e por que foi instituído no CSVP o Curso Supletivo noturno?

**Pe. Almeida:** Ainda nos anos 60, bem antes de se pensar no Supletivo, não era raro ouvir-se de pessoas assíduas ao Colégio: "que pena, tanta capacidade ociosa à noite". Em 71 e 72, cedemos algumas salas para o Mobral. Por aquele tempo, pessoas ligadas ao São Vicente (professores, alunos, ex-alunos) colaboravam com os coirmãos Dario e Paiva ministrando cursos informais ao pessoal do morro do Catumbi. Eles realizavam ali uma experiência de inserção em meio popular, na linha da conscientização e da formação. Os alunos nutriam a expectativa de obter o certificado de conclusão como se fossem nossos alunos, supondo que o São Vicente tivesse Curso Supletivo. Choveram então pedidos neste sentido. Após informações, marchas e contramarchas, decidiu-se satisfazer-lhes a justa aspiração. Era o início do ano de 1973. A equipe do Catumbi tomou a frente e teve apoio para os primeiros passos, até que a direção do São Vicente assumiu o controle da situação e, extinguindo o voluntariado, nomeou professores para as diversas turmas. O curso foi regularizado diante dos poderes públicos, e tentou-se legitimar também o do Catumbi como anexo ao nosso, o que foi lamentavelmente negado, resultando imensa frustração e mal-estar que só o tempo foi dissolvendo. O nosso Supletivo, entretanto, continuou em funcionamento regular.

## Como era o curso no ano de sua fundação?

Nos primeiros meses, reinava bastante confusão. Poucos professores habilitados, salário simbólico, orientação pedagógica em busca de definições, hesitação entre ensino acadêmico e profissionalizante, etc. Vigorava a Lei 5692/71, que exigia o profissionalizante, ao que respondiam os alunos: "profissão (emprego) já temos; o que desejamos é o certificado". A bem da verdade, os obstáculos não abafavam o idealismo de mestres e alunos, o desejo de progredir, a criatividade em se comunicar e expressar. Deixaram saudade aqueles primeiros meses.

## Como foi recebida pela comunidade escolar a criação do Curso Supletivo?

Naqueles anos de revolta contra a ditadura militar em vigor, a existência do Mobral no Colégio era mal tolerada. De início, não se notou a diferença entre o Mobral e o Supletivo, havendo manifestações ocasionais de alguns alunos, para quem a presença dos alunos do Mobral em suas salas de aula representava uma afronta. Mesmo quem não desaprovava mantinha-se a certa distância que, somente aos poucos, foi diminuindo, até chegar aos nossos dias. Houve também, aplausos a esta nova etapa do São Vicente. Um colega idoso, o Pe. João Viana, que não conseguia ver no colégio as características de uma obra vicentina, exclamou em plenário: "Com este Curso Supletivo para os pobres, o Colégio São Vicente estará salvo".

Equipe do Supletivo



## E como o curso é visto hoje?

Hoje, os alunos do Curso Regular se confraternizam com os do Supletivo ou, pelo menos, todos se respeitam com simpatia e, ocasionalmente, colaboram em atividades comunitárias. Vários professores do curso regular lecionam no Supletivo; outros, tendo começado no Supletivo, foram pescados para o diurno.

## Quais as perspectivas do Supletivo?

Sempre foi uma grande aspiração dos alunos a criação do 2º grau (hoje Ensino Médio, conforme a nomenclatura da nova Lei de Diretrizes e Bases). Cada ano, as classes terminais voltam à carga, através de abaixo-assinados, cada vez mais motivados e concorridos. É uma aspiração muito justa, mas faltam condições à nossa administração para arcar com os custos que, provavelmente, duplicariam. Dentro do real, nossas perspectivas atuais seriam, primeiramente, adaptar o Curso à nova LDB. Para isso aguardamos as respectivas legislações federais e estaduais. Espera-se que, da nova lei, venham novas oportunidades pedagógicas. Outra coisa pensável é a ampliação das últimas fases, 7ª e 8ª séries, por exemplo, que passariam a ser anuais, em vez de semestrais.

## Os alunos, então, mostram-se motivados?

A garotada do Supletivo vai longe. Eles têm realizado coisas que nem sequer passaram por nossas expectativas: atividades na *Democústica* (a emissora doméstica), Canto Coral em celebrações litúrgicas pelo rádio e TV, participação em atividades especiais beneficentes. Mas ainda há uma grande evasão no correr do ano letivo e esse é um dos maiores desafios que enfrentamos.

## O senhor gostaria de deixar alguma mensagem por esse jubileu de prata?

Quero congratular-me com todos os atuais componentes do Supletivo, agradecendo, na pessoa deles, a quantos, nestes 25 anos, deram o melhor de si, "a serviço da vida e da esperança".

# A EDUCAÇÃO no *limiar* do ano 2000



Um acontecimento marcante e vigoroso! Para os professores, pais, alunos e religiosos que participaram do **1º Congresso Brasileiro de Educação Vicentina** em outubro de 1997 na cidade de Curitiba, ficou a riqueza de uma experiência inédita.

O clima de abertura e diálogo do nosso grupo do CSVP -Rio permitiu o fortalecimento das bases para um relacionamento de respeito e colaboração entre to-

dos, com o objetivo de tornar nossa comunidade educativa, de fato, um centro de transformação para um mundo mais fraterno.

Foi plantada uma nova esperança em cada um de nós, que agora precisa ser cultivada para dar frutos.

**“Educar, mais do que um desafio, é um ato de amor na construção da Cidadania.”**

Este foi o lema do Congresso e a essência de todos os debates realizados.

## FRUTOS DO CONGRESSO

Está sendo formado em nosso colégio um Grupo Permanente de Reflexão de Educadores da comunidade Vicentina.

Para este grupo de reflexão, o convite é aberto a todos, apoiados pelo grupo participante deste processo de reflexão da Educação Vicentina em Curitiba.

Que saibamos valorizar a alegria e a beleza de sermos portadores da mensagem do Evangelho retratada na vida de São Vicente.

*Prof. Sérgio Maia*

## Necessitamos, sem falta

De um exército pacífico e unido que acredite no valor das pequenas coisas.

De gente que faça história e não se deixe arrastar pelos fatos.

De mais corações desarmados, num mundo cheio de guerra.

De almas magnânimas, numa sociedade interesseira.

De espíritos fortes, num século de mediocridade.

De mais cidadãos que digam: “Vou tentar fazer algo”.

E de menos cidadãos que afirmem: “É impossível”.

De um número maior de audaciosos, que se lancem ao fundo do problema para resolvê-lo, e de um número menor de fatalistas acomodados na omissão.

De mais amigos que arregacem as mangas conosco, e de menos demolidores que só apontam defeitos.

De mais gente acenando esperança, e de menos frustrados arrotando toneladas de desânimo.

De mais personalidades que perseverem e de menos colegas que iniciam e nunca acabam.

*(Boletim AEC - RJ)*

## A DELEGAÇÃO DO CSVP-RIO

*(Em ordem alfabética):*

Alex Sandro Reis (seminarista)  
Alexandre Nohas Franco (seminarista)  
Christiana de Souza Minayo (aluna)  
Edna Gonçalves Cardozo (professora)  
Iná Suzini Mariante (aluna)  
Jorge Miranda de Almeida (professor)  
José Fernandes da Silva (coordenadora)  
Maria Celeste da Costa Reis (professora)  
Maria Cristina L. Rodrigues (administração)  
Maria de Lourdes Trindade (professora)  
Maria Eleonora Caldeiras (orientadora)  
Maria Lúcia V. Gomes (professora)  
Marlene Lydia Bluhm (coordenadora)  
Padre Geraldo Humberto Venuto da Silva  
Patrícia Mendes Rubim (psicóloga)  
Paulo Pereira Nascimento (professor)  
Pedro Duarte de Andrade (aluno)  
Rogério Forti (professor)  
Rosana Lopes Perez (disciplina)  
Sandra Maria Motta Marques (professora)  
Sérgio Maia (coordenador)  
Sérgio Turcato (professor)  
Solange Gonçalves Borba (coordenadora)

Tornar-se mais receptivo em relação a seu próprio ser, dando espaço e estímulo à expressão particular de cada um. Esta é a meta principal do trabalho que temos desenvolvido através do movimento e da música com adultos e adolescentes. Ao receber um convite da APM para realizar esse trabalho com alunos do São Vicente, interessei-me pela idéia porque, além de ter uma filha estudando aqui e um filho que também já foi do Colégio, meu coração ressoa quando se fala em educação dos jovens, em educação também dos sentimentos, em criar jovens e adultos mais humanizados, que formarão um mundo melhor. A humanização é também a proposta educacional do CSVP.

Por isso achei possível contribuir com uma pequena porção da parte que me cabe: a experiência (que tenho vivido e trabalhado já há vinte anos) de expressar idéias e emoções no corpo e de organizá-las para poder ter uma vida mais harmoniosa.

# MOVIMENTO

## ENERGIA VITAL

Depois de algumas conversas com Carmen e Lucília, da APM, apresentei um projeto ao Colégio: *A Expressão da Energia Vital no nosso Corpo*.

O pedido do Colégio, através de sua Associação de Pais e Mestres, era principalmente poder abordar com os alunos a questão da sexualidade. Minha proposta foi incluir essa questão numa experiência mais total do ser, da energia vital compreendida como uma grande força que pode se expressar em nós de diversas formas, inclusive a sexual. Isso não invalida abordagens mais específicas e didáticas, que acho muito necessárias, mas complementa essas abordagens com um "molho" mais ligado aos sentimentos e à pessoa como um todo.

Em reuniões com a diretoria da APM, a diretoria do Colégio e alguns pais de alunos, concluímos que seria bom realizar no auditório do Colégio uma palestra/vivência, com todas as turmas da 6ª série, para mostrar um pouco do trabalho, antes de começar um possível plano-piloto.

A palestra/vivência, realizada por mim e mais três outros instrutores do *Coringa - Rio Abierto*, despertou as mais diversas reações. Muitos ouviam atentamente, outros distraidamente, outros ainda ostensivamente chateados (a atividade teve caráter obrigatório, já

**ANA CHRISTINA DE ANDRADE**

(Psicoterapeuta corporal, diretora do Coringa - Rio Abierto)

que os alunos não poderiam escolher o que não conheciam).

## MEDO DE "PAGAR MICO"

Creio não ter sido uma boa idéia reunir todas as turmas. A quantidade muito grande de alunos presentes criou um clima de timidez, vergonha e crítica, causado provavelmente pela tensão diante do risco de uma excessiva exposição.

Quando começamos a trabalhar com música e expressão, uma parte dos presentes pôde envolver-se, confiar e entregar-se aos movimentos e sons com espontaneidade, e outra parte ficou temerosa, mais distante, chegando alguns a expressar reações de desagrado. Apareceu o medo, tanto do não-convencional (como soltar a voz, mexer o rosto com caretas, suspirar, fazer movimentos de animais) quanto do mergulho interno através de exercícios concentrados em que era preciso fechar os olhos. Foi forte o medo do ridículo, daquilo que não está dentro do esperado - o medo de diferenciar-se do grupo, tão característico de ser adolescente, ainda no início do processo de formação de sua identidade e de seus valores.

Depois da palestra, pedi que fosse passado um questionário pelas turmas para saber um pouco do que tinham sentido. Quando vi as respostas, parecia que não ia ser

possível levar adiante o projeto, pois a maioria dos alunos que puderam responder (não sei por quê, mas algumas turmas não tiveram acesso ao questionário) apresentou respostas negativas e até mesmo pejorativas e grosseiras.

Mesmo assim, resolvi insistir nos encontros, pois alguns dias antes eu tinha sido convidada pelo professor Sérgio a mostrar meu trabalho na aula de religião para algumas turmas da 8ª série, e a experiência tinha sido muito boa. Em duas aulas de uma hora de duração cada, mais ou menos quinze alunos em cada uma, houve um saldo muito positivo, com uma participação alegre e emocionada de todos. Vários fatores contribuíram para esse resultado: o número menor de alunos, facilitando a intimidade e entrega; o uso do espaço/tempo da aula de religião, apresentando uma configuração energética favorecedora; e talvez também o fato de os alunos serem um pouquinho mais velhos.

Essa boa resposta da 8ª série, portanto, me animou a insistir na realização dos outros encontros, agora com turmas de 6ª série, desde que os alunos pudessem optar livremente por sua participação.

## ABERTURA E RECEPTIVIDADE

O horário que conseguimos para as aulas foi o das 6ª feiras à



# HARMÔNICO

# HARMÔNICO

tarde, após o último período. Como já se aproximavam as provas, só pudemos ter três encontros, que foram bastantes bons. Apesar do horário, considerado difícil, a presença a cada semana foi crescendo um pouco mais. Começamos com sete alunos e terminamos com vinte. Senti que uns foram chamando os outros, e gostei de ver que quase todos os que estiveram na primeira aula permaneceram nas outras duas.

Senti muita abertura e receptividade dos alunos, que demonstravam prazer em movimentar-se com a música e alegria de criar.

Os meninos também participaram, embora nem sempre agüentassem até o final, quando era abordada a criação de movimento e de personagens. Muita energia, risadas, brincadeiras, expressão da força vital, muita força para ser direcionada e aproveitada. O tempo de cada aula foi curto; senti que o ideal seria pelo menos meia hora a mais, para haver um tempo para conversar e relaxar no final. Em relação ao espaço, houve algumas dificuldades: a limpeza do chão que não pôde ser feita de forma adequada para quem trabalha descalço, e as carteiras que ocupavam a sala precisando ser afastadas.

Fazendo uma avaliação desta primeira experiência posso considerá-la bastante positiva, como



início, semente lançada. O caminho é grande e segue pela vida toda. Além disso, é preciso constância, prática continuada, para que seja possível algum resultado mais duradouro.

Como poderia ter continuidade este processo? Possivelmente através de um convênio entre o CSVP e o *Coringa - Rio Abierto*. Para este ano, temos o projeto de recomeçar, em nosso novo espaço, na Glória, os *Encontros Adolescentes*, que já tiveram a participação de vários alunos do colégio em 96 e 97. Os professores também estão convidados a participar de nossas atividades.

Agradeço de todo o coração a boa acolhida e a oportunidade de realizar e aprender com vocês.



In Memoriam  
**Marcos Sá  
Rego Medeiros**  
[ ]s K-BEIÇA

# Alunos Concluintes

## TURMA DE 1997

### TURMA A

Aida Gomes de Almeida Yamazaki  
Alexandre Sotero Rogerio  
Alvaro Pacheco de Noronha Squeff  
Ana Barbara de Toledo Andrade  
Ana Beatriz Muggiati Suassuna  
Andre Lima de Alvarenga  
Andre Rodrigues Furtado de Mendonca  
Bruno Almeida de Queiroz  
Carlos Guilherme Romeiro Silva  
Clarice Oliveira Barbosa  
Eduardo Martins Saddi  
Eduardo de Andrade Costa  
Fernanda Correia Hamacher  
Gabriel Guenther Soares  
Gabriel Lopes de Ulyssea  
Gabriel Versiani de Barros  
Isabel Nascimento e Mello  
Juliano Carvalho Gomes de Almeida  
Laura Penna Firme  
Livia Maria Vieira Mattos  
Luciana Franca Hemais  
Luiz Ricardo Baldacci  
Maria Paula Pantoja Boechat  
Maria de Andrade Lima Valenca  
Marina Ivo de Araujo Lima  
Mauricio de Sousa Dias Guimaraes  
Paloma Roriz Espinola  
Pedro Antonio Camargos Paes de Oliveira  
Rafael Pitanguy de Romani  
Rafael Pottes Soeiro Pinto  
Renata Palmeira Xavier  
Rodrigo Birtel Amendola  
Rodrigo de Sa Alves Goncalves  
Silvia Cristina da Cunha Fernandes  
Thais Arruda Nascimento  
Mariana Grojsgold

### TURMA B

Andre Seddon Markwald  
Antonio Munerato Diegues  
Bernardo Barbara' Pinheiro  
Bernardo Galvao Siqueira  
Caetano de Souza Estellita Pessoa  
Cecilia Veiga de Moraes  
Cristina Alves de Vasconcellos  
Daniel da Costa e Silva Pinheiro  
Elisa Izhaki  
Fabio Silva de Oliveira  
Felipe Pacheco Teixeira Mendes  
Fernanda Regina do Carmo Lomenso  
Frederico Lima Dias da Costa  
Gabriela Costa Chaves  
Jorge Fernando Barreto da Silva Filho  
Julia Pereyra de Souza Coelho  
Lidia Braga Frota Pessoa  
Ligia Munoz Cury  
Luciana Pereira Rangel  
Mariana Correa dos Santos  
Paulo Fernando de Bonoso Pires  
Pedro Roberto Nunes e Silva  
Pedro Sangirardi Duarte  
Rafael Braga Santoro Nunes  
Renata Machado Teixeira  
Rodrigo Benazio Lenz  
Simone Marques Jansen  
Suzana Graciosa Germano Santos  
Vinicius Sergio Zepeda  
Pedro Henrique Cury

### TURMA C

Alice de Moraes Calvente  
Andreia Silva de Oliveira  
Bruno Carneiro Leao de Oliveira  
Bruno Vasques Maletta  
Carla Meneghine Freire  
Carolina Costa Santos Muniz  
Christiana de Souza Minayo  
Eduardo Chieza Semprini Guedes  
Fernanda Barreto Goncalves  
Fernando de Araujo Penna  
Flavia Maria Pompeia Cavalcanti  
Francisco Campello do Amaral Mello  
Henrique Buarque de Gusmao  
Iná Susini Mariante  
Joana Carneiro Peixinho  
Joao Geszti Monteiro  
Julia Salles Arias  
Julia Thomaz Sandroni  
Juliana Muggiati Suassuna  
Karen Costa Soares  
Luciana Maia Villalba  
Luciana Paula Dellasoppa  
Maira Francisco Sala  
Marcelo Pimentel Barbosa Azambuja  
Marcia Mansur de Oliveira  
Pablo Nehab Hess  
Pablo de Abreu Lisboa  
Pedro Birman  
Pedro Sant'Anna Cortez  
Rafael Correa  
Rafael Rocha Motta  
Renata Barbosa Moura Costa  
Silvia Cavalcanti Silva  
Sylvia Alexandra B. de Oliveira Miranda  
Taciana de Morais R.Franco de Oliveira  
Thiago Abreu dos Santos Tourinho  
Thiago Barretto Simoes Correa

# FELICIDADE

As lágrimas já pararam, mas a vontade de chorar continua.  
Não sei se de tristeza ou de alegria, de saudade ou felicidade,  
chorei tantas vezes sem saber por quê. Mas nunca foi tão bom chorar.  
Um dia ainda escrevo uma poesia emocionante pra todo mundo chorar também,  
mas por enquanto a emoção vem dentro de cada lágrima.

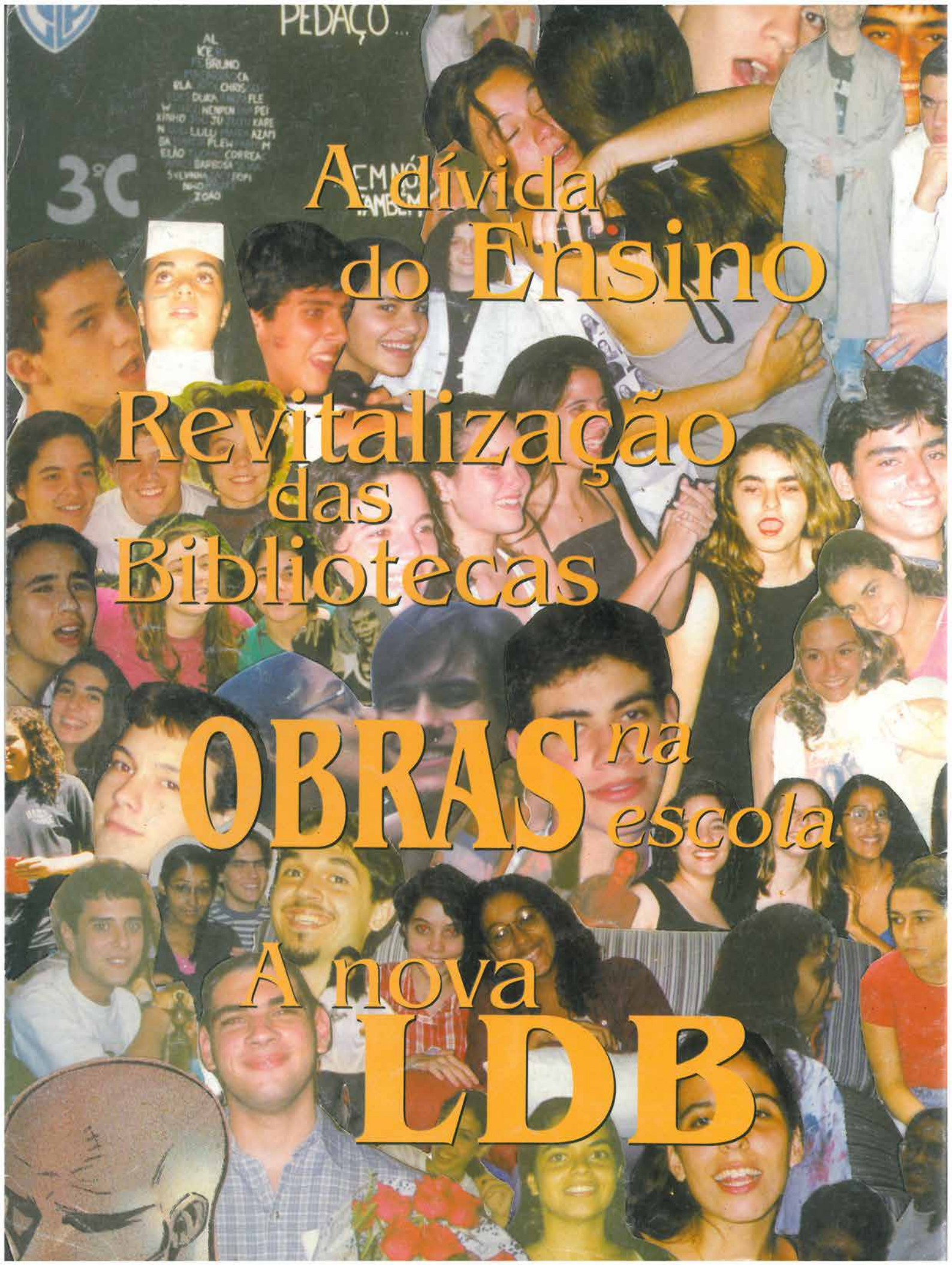
Ninguém nunca poderia imaginar que seria tão difícil dizer adeus.  
Ainda me perco em pensamentos toda vez que tento falar  
sobre essa despedida. Parece que todas as memórias surgem num só instante,  
todos os amigos, cada momento, as histórias, tanta coisa que nem dá pra dizer.  
São 11 anos em 1 segundo que não acaba.

A saudade incomoda, mas também serve de consolo, sinal de que fui feliz  
todos esses anos. Dizem que passa com o tempo, mas eu ainda quero sentir  
muitas saudades. Foram momentos que jamais irão se repetir,  
por isso jamais os esquecerei. Só mesmo agora posso perceber  
o quanto aprendi e como foi bom aprender. A educação que tivemos  
é um privilégio que aumenta a nossa responsabilidade.  
Já não faço mais parte do São Vicente, mas ele agora é parte de mim,  
e isso é muito bom.

Até hoje, quando me lembro desses anos de São Vicente, lembro-me logo  
das lágrimas do nosso último dia de aula. Só mesmo as lágrimas puderam  
mostrar toda nossa tristeza, alegria, saudade e felicidade. Aprendemos  
o que é felicidade, e essa será a nossa maior e melhor lembrança dos anos  
de São Vicente. “A felicidade é como a gota de orvalho numa pétala de flor,  
brilha tranqüila, depois de leve oscila e cai como uma lágrima de amor.”

**RAFAEL ROCHA MOTTA**

Turma 3°C de 1997, atualmente cursando  
Comunicação Social na UFRJ.



PEDAÇO...

AL  
KE  
BRUNO  
CA  
ELA  
DURA  
W  
XINHO  
N  
BA  
ELAO  
SILVANA  
NHO  
ZAO

3°C

# A dívida do Ensino

## Revitalização das Bibliotecas

# OBRAS *na* *escola*

A nova

# LDB

